

# InformedoDia



Sidney Rezende

e-mail: [informe@odia.com.br](mailto:informe@odia.com.br) | [www.odia.ig.com.br/colunas/informe-do-dia](http://www.odia.ig.com.br/colunas/informe-do-dia)

Com participação de:  
SABRINA PIRRHIO

**ENTREVISTA** MARCELO NERI, ESPECIALISTA EM POLÍTICAS PÚBLICAS

# Saiba os efeitos da pandemia entre os ricos e os pobres

**M**arcelo Neri é um dos principais especialistas em políticas públicas do Brasil. É doutor em Economia pela Universidade de Princeton, diretor do FGV Social, professor da EPGE/FGV, foi presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), ministro de Assuntos Estratégicos e secretário-executivo do CDES (conselhão).

Com experiência internacional, Marcelo Neri avaliou dados para políticas públicas em duas dezenas de países e também esteve à frente da implementação de diversas delas em três níveis de governo no Brasil. Sua proposta de mecanismo de crédito social, vinculado ao Desenvolvimento do Milênio, recebeu o prêmio da Network Meeting, em Dacar, no Senegal.

Marcelo Neri publicou livros sobre Planejamento de Políticas Públicas; Microcrédito; Cobertura Previdenciária; Ensaio Sociais; Diversidade; Superação da Pobreza no Campo; Bolsa Família; Percepções de Políticas Públicas; Inflação e Consumo, e a Nova Classe Média (indicado ao Prêmio Jabuti).

■ **Quais os efeitos mais concretos da pandemia de coronavírus na pobreza brasileira?**

● O resultado é surpreendente. Apesar da pandemia, o número de pobres no Brasil caiu 13,1 milhões entre 2019 e julho de 2020. Uma queda de 20,69%, ritmo muito superior ao observado em momentos de boom social no Brasil, como nos períodos seguintes ao lançamento dos planos de estabilização como o Cruzado (1986) e Real (1994).

■ **O que podemos perceber com o auxílio emergencial do governo?**

● A adoção de medidas para mitigar os efeitos da pandemia, como a concessão do auxílio, mais que compensou na base da distribuição o choque adverso no mercado de trabalho. De maneira geral, a taxa de ocupação caiu pela primeira vez a menos da metade da população. A renda per capita do trabalho do brasileiro teve queda média de 6,7% e a sua desigualdade subiu 4,6%. Estes dados sugerem que, quando acabar o efeito de anestesia do auxílio, a situação vai piorar muito.

■ **Quais critérios vocês usaram para afirmar que o auxílio emergencial impactou não só na renda como no comportamento de quem teve acesso à ajuda?**

● Para além do crescimento de renda, o segmento mais pobre, alvo do auxílio emergencial, apresenta taxas mais altas de isolamento social. Por exemplo, 27,8% deste grupo ficou rigorosamente isolado e 48,3% ficou em casa, só saindo por necessidade básica, nível superior em 4 a 5 pontos de porcentagem em relação ao total da população. Os resultados sugerem que o auxílio emergencial impactou não só renda como comportamentos mais ajustados às necessidades



**A renda per capita do trabalho do brasileiro teve uma queda média de 6,7% e a sua desigualdade subiu 4,6%**



**Além dos 13 milhões que saíram da pobreza, os estratos superiores perderam 5,8 milhões de pessoas em plena pandemia”**

impostas pela pandemia no seu público-alvo.

#### ■ A manutenção do auxílio governamental mostra-se fiscalmente sustentável?

● O auxílio custa cerca de R\$ 50 bilhões/mês nos parâmetros atuais. A manutenção nos níveis iniciais não se mostra fiscalmente sustentável.

#### ■ Como se comportou a renda da classe média brasileira durante a pandemia?

● Além dos 13 milhões que saíram da pobreza, os estratos superiores perderam 5,8 milhões de pessoas. Ambos os movimentos impulsionam o contingente populacional intermediário. O miolo da distribuição de renda cresceu em cerca de 20,5 milhões de pessoas, quase meia população argentina. Boas notícias para os mais pobres e más para os mais ricos explicam isto.

#### ■ Onde estão os principais gargalos da pobreza do Brasil?

● Avaliações sugerem educação, incluindo qualidade do aprendizado e aplicabilidade ao mundo do trabalho. É fundamental para romper com a transmissão da pobreza entre gerações. Outro elemento é o acesso ao capital produtivo, a qualidade da empresa que se trabalha tem se revelado chave em estudos. Finalmente, a superação da informalidade pela melhora no ambien-

te de negócios, acesso ao crédito produtivo, principalmente nas pequenas empresas.

#### ■ Quantos brasileiros são de fato invisíveis pelas estatísticas nos últimos dez anos?

● Este grupo é bastante visível nos mapeamentos estatísticos anônimos, mas vive na escuridão quando se precisa atuar. O cadastramento pela internet ampliou a capacidade de chegar a este grupo. Falta ampliar a testagem destes registros com o uso de dados biométricos do título eleitoral, por exemplo. É uma agenda que tem de avançar mais.

#### ■ Onde se encontrar os ricos brasileiros e quem são eles?

● Para enxergar os ricos, é preciso de outro tipo de evidência como os dados do Imposto de Renda. Eles estão mais em lugares aprazíveis de se morar do que em áreas economicamente avançadas. Florianópolis e Vitória são as capitais com maior concentração de ricos. O Lago Sul, em Brasília, apresenta taxas ainda maiores, não só pela qualidade de vida, mas pela densidade de funcionários públicos, símbolo do Distrito Federal, a unidade da Federação mais rica do país. Seis das oito ocupações mais bem pagas são de servidores federais. Além de tornar os impostos mais progressivos, precisamos de uma reforma administrativa no setor público.



**Florianópolis e Vitória são as capitais com maior concentração de ricos do Brasil”**

#### ■ Como o Rio de Janeiro foi e será impactado pela pandemia?

● A taxa de pobreza no estado caiu 17%, mais próximo do nível nacional do que da média do Sudeste (-9,7%). Idosos se mostraram mais propensos a desenvolver quadro severo da doença. Sobre a localização no país, a unidade da Federação que possui maior taxa de idosos é a cidade do Rio de Janeiro. A capital fluminense também é a que apresenta o maior percentual de idosos (14,5%). E a periferia metropolitana do Rio é a que apresenta maior percentual de idosos do país (11,9%). Então, é esperado que os governos do estado e municipal cuidassem mais em termos de isolamento, uma vez que possuem a maior taxa de pessoas vulneráveis na população relativamente às demais regiões. Isto combina com outra vulnerabilidade frente à pandemia, que é a informalidade, em que a renda é mais sensível ao isolamento social. Não há proteção social automática, tipo aviso prévio, FGTS e seguro-desemprego. Além disso, não são enxergados, mesmo quando o Estado quer vê-los. A população fluminense é a mais invisível fora do eixo Norte-Nordeste, tendo subido sete pontos de porcentagem, de 2014 a 2019, mais de três vezes mais que as do país. Em resumo, a periferia do Rio está mais vulnerável ao contexto da pandemia com perfil de lugares pobres.

